



3ª edição do Concurso Literário do Município de Palmela, que decorreu de março a abril de 2022, associou-se às Comemorações do Centenário de nascimento do escritor José Saramago. Ao longo do ano aconteceram, no Município, e particularmente nas Bibliotecas, várias iniciativas que evocaram o autor e a sua obra.

Esta foi uma delas. A partir da frase de Saramago: «Se tens um coração de ferro, bom proveito. O meu fizeram-no de carne e sangra todo o dia.», desenhámos o mote para esta edição: «De que é feito o meu coração?». E são vastíssimas as respostas, redigidas de diferentes formas ao longo dos 109 textos concorrentes. Distintas vozes, de todas as idades, plasmaram parte de si em escritos que nos encaminham para a importância do outro, para que um coração não bata só.

Esta publicação contém os textos vencedores dos três escalões (1º dos 6 aos 11 anos; 2º do 12 aos 17; 3º maior de 18). De reduzida dimensão, *maneirinha*, é composta por páginas escritas por pessoas que entendem a literatura e a cultura como parte fundamental do rastro humano. É uma publicação que permite que estes/as autores/as, ainda desconhecidos/as, e muitos outros ao longo de um percurso que queremos longo e de crescimento, sejam lidos por nós, leitores ávidos de escrita.

É por isso, com grande agrado, que redijo estas linhas e que vos convido a folhear e a ler o que aí vem.

A Vereadora do Pelouro

Maria João Camolas

ÍNDICE

LISTA DE PREMIADOS DA 3ª EDIÇÃO DO CONCURSO LITERÁRIO

1º ESCALÃO (dos 6 aos 11 anos)

1º LUGAR	De que é feito o meu coração	5
	<i>Mariana Figueira Brinca</i>	
2º LUGAR	De que é feito o meu coração?	6
	<i>Simão Rosa de Almeida</i>	
3º LUGAR	De que é feito o meu coração	8
	<i>Matilde Alves</i>	

2º ESCALÃO (dos 12 aos 17 anos)

1º LUGAR	O canhão dos namorados	11
	<i>Tânia Maria Parreira</i>	
2º LUGAR	De que é feito o meu coração?	14
	<i>Salomé Coelho Cruz</i>	
3º LUGAR	A barraca dos corações pulsantes	18
	<i>Marina Mendes</i>	

3º ESCALÃO (maiores de 18 anos)

1º LUGAR	Sou feito do que são feitos os livros que escrevi	23
	<i>Carlos Vinhal Silva</i>	
2º LUGAR	Coração variegado	27
	<i>José Carlos Rodrigues de Almeida Lopes</i>	
3º LUGAR	De que é feito o meu coração	29
	<i>João Alberto Roque</i>	

(dos 6 aos 11 anos)

10 ES
CA
LÃO

[1º LUGAR]

DE QUE É FEITO O MEU CORAÇÃO*Mariana Figueira Brinca*

Era uma vez uma menina chamada Inês. Ela vivia no Pinhal Novo e tinha 10 anos.

Tinha, desde sempre, uma doença no coração chamada angina. Essa doença provocava desconforto e dor no peito. Um dia foi com os seus pais fazer exames ao hospital e descobriram que a doença estava a desaparecer, mas que tinha de continuar a ter cuidados com a sua saúde. Teria de voltar ao hospital no mês seguinte para fazer mais exames. A Inês ficou muito feliz ao ouvir estas notícias que o médico lhe dava. Ao chegar a casa decidiram fazer um jantar de família para celebrar o acontecimento.

No dia seguinte foi para a escola. Como gostava muito da disciplina de Estudo do Meio, em vez de ir brincar no intervalo, ficava a estudar na sala de aula. Isso levava a que a Inês tivesse muito boas notas.

No mês seguinte, voltou ao hospital para fazer os exames que o médico lhe tinha dito na última consulta. Depois de saber o resultado dos exames, o médico informou a Inês e os pais de que a doença tinha desaparecido pois o seu coração cresceu e assim «engoliu» a angina.

A Inês ficou a pensar no que o médico lhe tinha dito e percebeu que o seu coração era feito de amor e carinho, que os pais e a família lhe davam todos os dias.



[2º LUGAR]

DE QUE É FEITO O MEU CORAÇÃO?*Simão Rosa de Almeida*

Esta é a história da minha aldeia, uma pequena terra onde passa o rio Sado, mas já à beira do Alentejo. De pequena só mesmo o tamanho, porque é enorme em aventuras e pessoas. Aqui temos de tudo um pouco... Ruas estreitas onde nenhum carro passa, ruas largas onde cabem até camiões, lojas e serviços de todas as espécies e feitios... Quanto às pessoas que cá vivem, nem queiram saber, temos para todos os gostos. É uma verdadeira animação!

Todos os dias, a caminho da escola passo pela padaria e cumprimento a dona Fátima, senhora simpática e bem-educada que me responde sempre com um sorriso na cara. Mas não a queiram ver zangada pois parece que vira bicho, a sua voz parece que ganha um megafone e a sua cara fica vermelha como o tomate; ela detesta pessoas mal-educadas. Quando a vejo zangada nem me aproximo, fico a imaginar que no lugar do seu coração está um pimento vermelho bastante picante em ponto de erupção!!!

Outro dos locais que fica no caminho para a escola é a peixaria, loja pequena, mas com tudo o que é necessário: peixe, fruta, legumes, etc.. Aqui trabalha o senhor Manel, e se querem que vos diga, acho que nunca vi este senhor a sorrir. Todos os dias o senhor Manel acorda de mau humor, sempre zangado com tudo e todos. Não é mal-educado, mas não é nada simpático. Passa o tempo a atender os clientes com a testa franzida, até já tem rugas! Nunca o vi ter um gesto carinhoso, é uma pessoa triste e amargurada. Quando olho para ele imagino que no lugar do seu coração está um bloco de gelo que não derrete com nada...

Seguindo o caminho, encontro a farmácia. Lá está a doutora Leonor. Assim que me vê esboça um sorriso de orelha a orelha e solta um alegre «bom dia»! A doutora Leonor é das pessoas mais simpáticas e atenciosas da minha aldeia. Ao contrário do senhor Manel, nunca a vi zangada ou triste, tem sempre um sorriso carinhoso e uma palavra bonita para toda a gente. Sempre que alguém precisa, a doutora está lá para ajudar, e essa ajuda é muito mais do que medicamentos, às vezes as suas palavras doces curam mais do que tudo

o resto. Quando estou com ela imagino o seu coração doce e fofo como um belo algodão doce.

Chegando finalmente à escola, encontro a dona Maria, assistente da minha escola. Senhora querida e simpática, mas que sabe impor respeito e regras como ninguém, e às vezes é bem preciso, pois todos juntos somos capazes de fazer algumas asneiras! A dona Maria tem um coração gigante e nele cabem todas as crianças que já andaram, andam e andarão na minha escola, parece um comboio com várias carruagens, cada uma com uma turma diferente.

Estas são apenas algumas pessoas desta minha aldeia onde cabem todos e todas, simpáticos e antipáticos, alegres e tristes, contentes e zangados, meigos e rudes. Cada pessoa é única e especial à sua maneira. Cada uma guarda no seu coração aquilo que mais a marcou e isso explica muitas vezes as nossas atitudes.

Eu sou feliz aqui na minha aldeia, tenho tudo o que preciso, a minha família, os meus amigos e muitos locais para descobrir, brincar e divertir... Mas nem sempre estou feliz, também há momentos em que me sinto triste e sem saber o que fazer, acho que faz parte daquilo que os adultos chamam de «crescer»! Mas se me perguntarem como sou, direi que sou um sortudo pois tenho tudo o que uma criança tem direito: família, saúde, amigos, um lar, educação e muito muito amor!

Mas ainda tenho muito para aprender. Os meus 8 anos já me ensinaram muitas coisas, mas sei que muito mais estará para vir...

Contudo, há uma coisa que continua a despertar-me muita curiosidade e para a qual ainda não consegui encontrar resposta... Afinal, de que será feito o meu coração???



[3º LUGAR]

DE QUE É FEITO O MEU CORAÇÃO*Matilde Alves*

Numa certa manhã, quando o Martim e a mãe vinham do supermercado, viram um senhor na rua que não estava a sentir-se muito bem. Então chamaram uma ambulância que chegou poucos minutos depois, com a sirene ligada. Os médicos disseram que o senhor tinha de ser levado para o Hospital com urgência, porque tinha tido um ataque do miocárdio e corria risco de vida. Enquanto iam para casa com a mãe, o Martim pensava no que teria atacado o senhor de forma a que ele se sentisse tão mal, e assim tão de repente. Pensava também no que os médicos tinham dito sobre o senhor «correr risco de vida» e no que isso queria dizer.

Ainda no caminho para casa o Martim perguntou à mãe:

- Quem é o miocárdio? E porque atacou o senhor e o fez sentir tão mal?
- Miocárdio é outro nome dado ao coração.

E continuou:

- O coração é o órgão do nosso corpo que está sempre a bater para fazer circular o nosso sangue por todo o corpo, mesmo quando estamos a dormir. Quando, por qualquer razão, o coração abrandar muito ou pára, ainda que por muito poucos segundos, podemos não sobreviver uma vez que o nosso sangue não irá chegar até aos órgãos e conseguir mantê-los a funcionar. – disse-lhe a mãe, muito séria.
- AAAAHHH! – disse o Martim.
- Como os nossos corações são os responsáveis por levar o sangue a todo o corpo, há quem diga que o coração é o centro do nosso corpo. – explicou-lhe a mãe.

Quando o Martim chegou ao seu quarto, começou a pensar:

- De que será feito o meu coração? Será que é feito de carne porque é vermelho, de diamante porque é valioso, ou de sentimentos?

Mas logo de seguida a mãe chamou-o para almoçar. Quando acabaram de comer o Martim perguntou então à mãe:

- De que é que é feito o meu coração? É de carne, de diamante ou de sentimentos?

A mãe pensou que se o Martim era um menino do 1º ano, podia não ser fácil para ele entender, por isso tentou arranjar uma forma simples de explicar ao filho:

– O nosso coração é feito de carne porque é um músculo que bate sem parar, com uma cadência que varia conforme os sentimentos e emoções que nele vão aparecendo.

E acrescentou:

– O coração é considerado como uma jóia, como um diamante, porque é dele que depende o nosso bem mais precioso, a vida.

E disse-lhe ainda:

– O coração também é sentimento, uma vez que nele existem vários afetos como a bondade, o carinho e a gratidão. Existem ainda sentimentos como o ódio, a alegria, a tristeza, a saudade, o amor e muitos outros.

E terminou:

– O coração é considerado o principal motor da vida, também porque nele reside o sentimento mais complexo e ao mesmo tempo mais belo, que é o Amor. O estado de amor é o que nos faz estar bem ou estar mal e pode ter várias formas (de família, de amizade, de paixão). Ter amor no coração é o mesmo que estar vivo. O coração sofre de amor, bate por amor, eleva-se no amor, é quebrado por amor, é preenchido de amor, é desfeito por amor...

O Martim adorou esta explicação, como se fosse uma história. Colocou a mão no lado esquerdo do peito só para sentir o bater do seu... coração.



(dos 12 aos 17 anos)

2^o ES
CA
LÃO

[1º LUGAR]

O CANHÃO DOS NAMORADOS

Tânia Maria Parreira

Era uma vez, uma aldeia que, em tempos, se encontrava em guerra com uma aldeia vizinha. Nessa altura de desespero, havia um casal de namorados que ao invés de serem inimigos, como a guerra incentivava, apaixonaram-se loucamente. Para bem das suas aldeias, e de si próprios, tentaram parar a guerra, mas acabaram por ser vítimas do movimento brusco que estava presente.

As almas dos namorados, enraivecidas com o gesto, juntaram-se e transformaram-se no nome que se dá atualmente, canhão dos namorados, que revela do que o coração é verdadeiramente feito, mostrando às próprias pessoas a frieza que as consome.

Ao atingirem os habitantes com as suas balas, viram que a maior parte deles era consumida com raiva, inveja, crueldade e egoísmo, como tinham previsto. Quase sempre, as balas atingiam diretamente o coração dos aldeões, e estes ficavam aterrorizados com a verdade, então escolhiam não acreditar nela. Os aldeões, zangados com os efeitos do canhão, esconderam-no onde julgavam que nunca o iriam encontrar novamente.

Mas à aldeia tinha chegado um novo aldeão chamado Afonso Presunçoso. Ele foi recebido de imediato pelos aldeões que ficaram encantados por terem um novo habitante e, demasiado distraídos com a sua calorosa chegada, esqueceram-se de lhe contar sobre o canhão e todas as características especiais que destacavam aquela aldeia.

Nessa semana, Afonso, depois de um dia árduo de trabalho, decidiu ir arejar a cabeça e passou por bosques que outrora tinham sido terrenos de batalha. Sentiu-se aproximar de algo, sem saber do quê. As árvores seduziam-no e ele, não conseguindo resistir à tentação, entreabriu uns arbustos e, de um momento para outro, uma bala atingiu o seu coração.

– Au! – disse, antes de cair no chão e entrar num sono de realização.

Afonso viu-se num espelho que refletia a sua imagem e, com uma moldura enfeitada de perguntas, leu a primeira em voz alta.

– Serei eu a pessoa mais bonita?

A imagem do espelho alterou-se de imediato, não para uma só pessoa, mas para várias, mudando com rapidez. Afonso não percebera o que se passara e o porquê do espelho não o refletir a si, mas, ainda assim, passou para a próxima pergunta.

– Serei eu o mais inteligente? – disse, achando já saber a resposta.

Mas o espelho traiu-lhe a vaidade novamente, e mostrou outras pessoas e Afonso nunca se encontrava entre elas. Prosseguiu com as perguntas até à última. Percebeu que ele nunca iria ser a resposta.

Depois, abriu os olhos e, ainda atordoado e chocado, voltou para casa onde decidiu que precisava de uma longa sesta.

No dia seguinte, Afonso acordou e demorou alguns segundos a aperceber-se do que realmente se passara. Seria ele assim tão egocêntrico? – pensava Afonso durante dia e noite.

Fora o único, até agora, que realmente tinha ponderado as visões dadas pelo canhão. As almas dos namorados estranharam.

Afonso Presunçoso, farto deste dilema interno, decidiu mudar e olhar em volta como se fosse a sua primeira vez. Afonso, que sempre se achou perfeito, decidiu passar o dia entre a natureza e tentar perceber o que a torna tão especial. Mas foi mais difícil do que pensou. Voltou lá todos os dias da semana até que, já no domingo, não só achou a natureza linda com o seu pôr-do-sol, como também se sentiu diminuído por ela.

Pela primeira vez, Afonso sentira que o mundo o tinha ultrapassado e, mesmo assim, não houve uma pinga de inveja a contaminar o seu coração. Adorou a sensação e começou a explorar todos os tipos de beleza do mundo. Lia poesia de manhã e reparava o quão mau ele era a escrever e, à noite, tentava imitar quadros de grandes pintores, mas falhava. Ele adorava a sensação de errar. Então, um dia resolveu voltar a ver o canhão para verificar se era atingido de novo e, se fosse, queria saber se a visão se tinha alterado. Mas quando chegou ao local onde o tinha encontrado, local rodeado por belas flores, não encontrou nada.

– Roubaram o canhão! – exclamou para si mesmo, indignado e surpreendido. De seguida, ouviu um barulho por entre as folhas. Tinha a certeza de que era o ladrão que tinha roubado o canhão, então seguiu os ruídos e, quando teve oportunidade, lançou-se a dois corpos.

– Onde está o canhão? – perguntou Afonso, prendendo o casal.

Eles entreolharam-se e começaram a rir, enquanto Afonso olhava para eles confuso e sem qualquer tipo de humor a correr no seu corpo.

– Respondam-me! – ordenou.

– Afonso! Obrigada, és a nossa salvação! – respondeu a rapariga.

E antes de conseguir reagir, ela engoliu-o num abraço.

– Quem são vocês? – perguntou Afonso baralhado.

– Nada mais, nada menos do que o canhão dos namorados! Sim, já deves ter ouvido a nossa história, não? Um casal encurralado em nome do amor e, logo a seguir, guiados pela fúria para uma maldição eterna – disse o rapaz.

– E tu foste o único que conseguiu mostrar que é possível abandonar vícios perversos – completou a rapariga.

Afonso, ainda confuso, mas contente por ter ajudado, foi guiado pelo casal que lhe explicou a sua história, pormenorizadamente.

– Afonso, o teu coração era feito de egoísmo e orgulho, agora está cheio de amor.

Amor por nós e por este mundo. Junta-te a nós. Não podemos ficar aqui rodeados por pessoas tão amargas. Vem connosco, por favor – suplicou o rapaz.

Afonso concordou e seguiu o casal até encontrarem um local para uma nova aldeia, que eles mesmos iriam construir, juntos. Uma aldeia onde só a paz e o amor serão bem-vindos.



[2º LUGAR]

DE QUE É FEITO O MEU CORAÇÃO?*Salomé Coelho Cruz*

O sol havia nascido há pouco, raiando sobre o horizonte e pintando o céu de tons rosados que entravam pelas janelas de todas as casas da vila. Era mais uma manhã tranquila em que Aurora replicava a rotina de sempre: acordar cedo e sair de casa com a calma habitual e o tempo necessário para ver, ao pormenor, a vida a acontecer.

Caminha devagar enquanto observa os passos ansiosos de quem vai atrasado e os movimentos bruscos dos automobilistas apressados. Sempre que observa a correria alheia, há nela gratidão e serenidade suficientes para se dar conta da sorte que tem em poder viver um dia novo e de poder, de facto, aproveitá-lo.

Chega à escola. Como de costume, entra pelo portão grande e olha em frente procurando encontrar alguém conhecido. Não avista nenhum rosto que lhe seja familiar e segue, então, pelo caminho que leva à sala onde decorrerá a primeira aula do dia, de Biologia. Ao subir alguns degraus, que àquela hora parecem infundáveis, Aurora cumprimenta alguns colegas, sempre um pouco contida. Conhece muita gente, mas acaba por não ter muitos amigos com quem esteja mesmo à vontade. Gosta de dizer que os tem na medida certa, porque sabe que são os necessários para que não lhe falte nada.

Não é, de todo, uma rapariga extravagante, mas também não costuma passar despercebida. Nunca foi demasiado extrovertida, nem demasiado introvertida, se é que estes “rótulos” realmente fazem sentido. Aurora é um equilíbrio de vários fatores, algo que a torna ainda mais peculiar e interessante.

Já na sala, a hora da aula aproxima-se. Vão chegando mais colegas e, quando dá por si, já lá está toda a turma. Os alunos abrem os cadernos para escreverem a lição, mas apercebem-se de que vão ter um teste surpresa.

– Isso não é justo!

– Não estamos preparados! – contestam, aflitos.

Aurora prefere não se opor. Obviamente, não adorou a ideia, mas até sabe a matéria e não está para confusões limitando-se, portanto, a anuir. Depois da agitação inicial, todos acabam por se aquietar e a professora começa a distribuir os enunciados.

De um modo geral, a prova estava a correr-lhes bem. Não era nada difícil.

– Faltam 15 minutos para o toque, comecem a pensar em rever e entregar! – anunciou a professora.

Aurora, confiante, vira a página e depara-se com uma última questão no verso da folha: *Como é composto um coração humano e qual a sua função?* Pensa durante uns minutos e lembra-se de uma página do manual que falava sobre veias, artérias e ventrículos que bombeiam o sangue e fazem algumas trocas. E é isso que responde.

Com o pouco tempo que resta, tenta debruçar-se mais a fundo sobre a questão, mas não lhe ocorre nada. Acaba por entregar o teste, mas continua a refletir sobre a resposta àquela última pergunta. Não por pensar que estivesse incorreta, mas porque a resposta que dera lhe parecia pouco, soava-lhe a algo demasiado superficial.

Se o seu irmão lhe perguntasse, Aurora saber-lhe-ia explicar que tem no seu coração um grande compartimento repleto de amor e coisas boas, que lhe permite amá-lo e desejar protegê-lo incondicionalmente.

Se o seu avô lhe perguntasse, mostrar-lhe-ia que é num lugar muito bonito, bem no centro do seu coração, que guarda as lembranças dos momentos que viveu com ele. É de lá que vem a gratidão por tudo o que fez por ela, enquanto pôde, e também de onde rebenta um mar de saudade de cada vez que se lembra do seu sorriso.

Se lhe perguntasse, aquela pessoa por quem se tem vindo a apaixonar cada vez mais, Aurora saber-lhe-ia contar que é num pequeno escritório, dentro do seu coração, que escreve a poesia que lhe declama ao ouvido, baixinho, e que também é lá o bosque por onde escapam as borboletas que lhe voam por todo o corpo quando estão juntas.

Se algum dos seus amigos lhe perguntasse, dir-lhe-ia que há no seu coração uma gaveta em que acumula todas as memórias bonitas do que viveram juntos. Sempre que esta gaveta se abre, Aurora lembra-se de como estas pessoas fantásticas a fazem sentir-se feliz e não consegue pensar noutra coisa senão em novas aventuras para viverem juntas.

Se lhe perguntassem o mesmo durante um teste de Filosofia, Aurora facilmente enunciaria algumas frases de Aristóteles ou de Platão que, de certa forma, explicassem como este órgão, para além de nos manter vivos, nos concede o poder de sentir algo que vai muito além da Biologia, como o amor. Mas não era este o caso, então limitara-se a responder com o que aprendera nas aulas. Os dias passam e Aurora e o resto da turma estão agora sentados na sala de

Biologia, aguardando a entrega dos testes corrigidos. A professora começa a distribuí-los e surgem os primeiros comentários:

- Quanto é que tiveste?
- Já sabia que tinha esta errada.
- Boa, tirei positiva!

Aurora mal fita a folha de teste. Está demasiado ocupada a admirar a agitação que se havia gerado na sala. Detém-se no modo como, de repente, o tom das vozes tinha aumentado tantos decibéis e tão repentinamente, apenas por lhes ter sido entregue o pedaço de papel que há uma semana haviam gatafunhado, agora com uns riscos a tinta vermelha por cima e uma classificação no canto superior direito. Para ela, é algo interessante! Aurora mantém-se calma e começa a verificar as perguntas e as respetivas cotações. Depara-se com a última questão e repara que, por cima da sua resposta, está desenhado um grande «certo». Conseguiu a cotação máxima nessa pergunta, mas, em vez de satisfação, isso gerou nela alguma inquietação. Nesse dia, ao ir para casa, Aurora caminha pelo jardim com aquela tranquilidade tão peculiarmente sua. Observa os canteiros floridos e a relva aparada que emana um aroma fresco. De repente, algo fá-la desviar o olhar... Ao fundo das escadas de pedra um homem deitado no chão pede por socorro, ao relento daquela tarde fria. Enquanto se aproxima, Aurora atenta na maneira como o casal, que por ali passa, o olha com desprezo e pouca consideração. Fica perplexa, mas, com toda a sua ingenuidade, pensa que talvez tivesse apenas interpretado mal o comportamento daquelas duas pessoas. Pouco antes de Aurora chegar perto do homem, um grupo de rapazes mais novos passa e começa a trocar dele, sem qualquer piedade. Isso faz com que Aurora reflita novamente sobre a última pergunta do teste. Parece-lhe descabido.

– Não é possível que eles também tenham um coração, como eu. – pensa para consigo. É inimaginável que também sintam as veias, as artérias e os ventrículos no peito, e que, ainda assim, consigam agir com tanta frieza. Como podem ser capazes de deixar alguém desprovido de auxílio sem sequer lhe dirigirem a palavra?

Aurora acaba por ajudar o homem. Leva-o até casa e, pelo caminho, conversam. Ele explica-lhe que havia caído há quase meia hora e ainda ninguém lhe tinha prestado ajuda. NINGUÉM!

É desta forma que Aurora toma consciência de que, ainda que todos tenhamos as tais veias, artérias e ventrículos, que fazem correr-nos pelo corpo o sangue, nem todos temos um coração completamente funcional.

Aurora acredita que, para se estar apto a sentir, é preciso abrir, tanto quanto possível, os tais compartimentos do seu coração e dos daqueles que a rodeiam. Esta é a missão que abraça: a de tentar fazer do Mundo um lugar melhor, um lugar com mais amor. Um lugar dos corações de verdade!



[3º LUGAR]

A BARRACA DOS CORAÇÕES PULSANTES*Marina Mendes*

Numa clareira de uma floresta, protegida por inúmeros encantamentos e magia poderosa, pequenas casas e barraquinhas surgiam aos olhos de qualquer bruxa que por ali passasse.

Naquele momento, ao nascer do sol, Bridget, uma bruxa perto dos seus quinze anos, encontrava-se já acordada, ansiosa pela pequena aventura que iria ter pela frente naquele dia.

Finalmente chegara a idade em que ela poderia visitar A Barraca dos Corações Pulsantes.

Muitas pequenas bruxas acreditam que A Barraca dos Corações Pulsantes é apenas uma lenda, pois apenas a partir dos quinze anos é que se tem permissão para lá entrar. Diz a lenda que dentro dessa barraca vive uma bruxa com os seus milhares de anos, nunca vista à luz do dia, que guarda o coração das bruxas já mortas da clareira.

Perto do meio-dia, Bridget saiu de casa com o seu longo vestido preto a arrastar pelo chão e os seus cabelos dourados a ondular com o vento suave da manhã. Viam-se bruxas por toda a clareira, cada qual com o seu trabalho. Umas faziam feitiços, outras liam cartas, outras vendiam as suas poções e ervas às restantes. A Barraca dos Corações Pulsantes encontrava-se no canto mais afastado da clareira, onde as árvores tapavam o sol e deixavam a barraca na penumbra. No chão, à entrada, jazia uma pedra lisa com as seguintes palavras cravadas: «Não entre sem aviso. Risco de ser atingido por uma maldição.»

Bridget esticou o braço e tilintou o sininho que ali se encontrava, esperando que a bruxa abrisse a porta de madeira.

Não demorou muito para que um par de olhos negros espreitasse pela fresta da porta.

– Bridget, vi que irias aparecer. Sê bem-vinda. – disse a velha bruxa, e finalmente abriu totalmente a porta revelando a sua figura.

Para uma bruxa com milhares de anos, Bridget reparou como a velha estava bem conservada; não lhe daria mais de cinquenta anos. A velha abriu passagem e Bridget finalmente entrou na barraca. Ela já tinha ouvido centenas

de histórias sobre os corações presentes n'A Barraca dos Corações Pulsantes, mas nenhuma delas se assemelhava à realidade.

A realidade, a crua e fria realidade, é que a barraca estava repleta de frascos em mesas, prateleiras, no parapeito da janela, no chão, etc., e em cada frasco repousava um coração pulsante e horrível, cada um com o nome da bruxa a que pertencera.

E por horrível, ela diria até mesmo macabro, haviam corações de todos os aspetos, dos mais nojentos até aos toleráveis de manter a vista em cima. Corações com pelos a sair para fora do músculo, corações com veias repugnantes verdes, amarelas e até castanhas, corações que pareciam feitos de pedra e outros de papel, esponja, algodão e plástico, corações que emanavam luz, outros que criaram pequenas flores e outros que apenas mantiveram o seu tom vermelho sangue. Mas o facto de ver que todos os corações, sem exceção, continuavam a bater como se ainda estivessem presos ao corpo humano, fez Bridget querer vomitar.

– Agradada com a vista? – Bridget saltou ao ouvir a voz da velha bruxa atrás de si, pois já se tinha esquecido da sua presença.

– Porque é que estão com este aspeto nojento?

– Ninguém tem um coração perfeito, pois não?

Bridget não respondeu. Sabendo que era verdade continuou a observar os corações, sentindo-se cada vez mais enojada à medida que mais corações lhe saltavam à vista.

– Mas como é que eles ficaram assim? – Bridget atreveu-se a perguntar. – Que eu saiba o nosso coração não tem este aspeto quando está dentro de nós.

– Tens razão, quando ainda permanece dentro de nós o nosso coração é exatamente como um coração deve ser, vermelho a bombear o sangue para o resto do nosso corpo. Mas quando morremos, as bruxas têm uma tradição, retiramos o coração do peito da bruxa e mergulhamo-lo numa poção que, como podes ver, é o líquido amarelado presente em todos os frascos. Com o tempo, o coração dentro do frasco vai adquirindo uma forma diferente, refletindo a personalidade, as ações e os sentimentos da bruxa à qual outrora pertenceu. Como podes ver, muitas bruxas que aqui viveram cometeram erros, fizeram coisas más. Mesmo aquele coração com pequenas flores tem algumas flores secas. Ninguém é totalmente perfeito.

– Ninguém? Não existe uma bruxa que tenha sido tão boa a ponto de ter um coração perfeito?

A velha bruxa olhou fixamente para Bridget durante alguns segundos, ponde-

rando se deveria fazer aquilo que estava prestes a fazer.

– Bom, houve uma bruxa, a mais poderosa que se sabe ter existido. Ela fez tudo aquilo que conseguiu para ajudar os outros.

– Ela tem o coração perfeito?

A velha não respondeu, em vez disso agachou-se em frente a um baú presente no canto da barraca. Bridget não conseguia ver o que ela fazia pois o local estava mergulhado na penumbra, mas quando a bruxa se levantou, ficou encantada.

Nas mãos da velha bruxa, dentro de um frasco, reluzia o mais belo coração que ela vira dentro daquela barraca. O coração brilhava como o Sol e a sua cor era do mais puro ouro que poderia existir. Bridget apenas conseguiu pensar numa coisa ao olhar para o coração de ouro. Ela queria-o para ela, sentia-se atraída por ele de uma maneira inimaginável. Ela queria o seu poder, o seu brilho e a sua magia.

– Eu quero-o. Posso tê-lo? – Bridget tentou alcançar o frasco, mas a velha bruxa afastou-o imediatamente.

– Claro que não miúda tola, a menos que me dê algo em troca.

– O que é que quer? – perguntou Bridget, sabendo que daria qualquer coisa que a bruxa quisesse.

– Quero o teu coração.

E sem pensar duas vezes, Bridget aceitou. Nem parou para pensar o porquê de a bruxa ter aceitado tão facilmente trocar o coração de ouro pelo seu coração banal, mas nesse momento aquilo não lhe interessava, conseguira o seu desejo. A velha bruxa aproximou-se dela após pousar o frasco do coração de ouro numa pequena mesa e pousou a mão no peito de Bridget.

O ar em volta delas começou a pesar e os espanta-espíritos e pingentes pendurados pela barraca começaram a abanar e tilintar.

A bruxa, utilizando todos os seus conhecimentos, começou a fazer a magia mais negra que sabia existir. Aos poucos a pele do peito de Bridget foi rasgando, até chegar à carne e aos ossos que de alguma maneira se deslocaram para abrir passagem. Não lhe causou dor, nem deitou uma única gota de sangue, Bridget apenas sentiu um pequeno formigueiro atrás das orelhas. Sem hesitar, a bruxa arrancou o coração do peito de Bridget e trocou-o pelo coração de ouro.

Segundos depois, o peito de Bridget voltara a fechar e não havia vestígios de que tivesse ocorrido uma troca de corações. Agora era o coração vermelho vivo de Bridget que estava selado no frasco.

Depois de uma breve troca de palavras, Bridget abandonou A Barraca dos Corações Pulsantes sentindo-se mais poderosa do que nunca.

Passaram-se dias e Bridget começou a sentir-se doente. Tudo começou com pequenos vômitos e náuseas, depois começaram as dores de cabeça e do peito. Ela no início não percebeu, mas eventualmente acabou por descobrir que era tudo culpa do coração de ouro que a bruxa lhe tinha colocado no peito. Era como se o coração e o seu corpo fossem incompatíveis e o corpo estivesse a rejeitar o coração. Bridget já mal se levantava da cama quando decidiu voltar à Barraca dos Corações Pulsantes para falar com a bruxa.

– Eu quero o meu coração de volta. – bradou ela assim que entrou na barraca.

– Não podes tê-lo.

– Porquê?

– Ele já não te pertence, agora pertence-me a mim.

Bridget olhou para o frasco com o seu nome gravado e gritou de horror. O coração parecia agora apodrecido com um tom entre o esverdeado e o castanho, e o líquido amarelado em que estava mergulhado borbulhava repugnantemente à sua volta.

– O que aconteceu com o meu coração?

– Está podre. – esclareceu a velha bruxa.

– Porquê? Eu não sou má pessoa, não fiz nada de mal.

– A partir do momento em que desejaste ficar com o coração de ouro para ficares mais poderosa e ganhares mais reconhecimento, as tuas ações deixaram de ser puras. A tua ganância apodreceu o teu coração e agora nunca mais o podes ter.

– Mas porque é que o coração de ouro me está a deixar doente? – perguntou Bridget horrorizada.

– Miúda tola, isso não é nenhum coração de ouro. Deverias ter percebido que ninguém tem o coração perfeito, toda a gente comete erros que, por mais pequenos que sejam, deixam a sua marca negativa. Isto é apenas um coração de porco banhado em magia.

– Porque é que faria uma coisa dessas?

– Para que miúdas como tu não pensem que podem ter tudo aquilo que querem.

Com um grito de horror e nojo, Bridget usou as suas últimas forças para utilizar a sua magia e arrancar o coração de ouro do próprio peito. E com uma gargalhada fria e cruel a velha bruxa observou, com prazer, o corpo sem vida da pequena bruxa cair ao chão.

(maiores de 18 anos)

3^o ES
CA
LÃO

[1º LUGAR]

**SOU FEITO DO QUE SÃO FEITOS
OS LIVROS QUE ESCREVI***Carlos Vinhal Silva*

Antes não batesse nada no meu peito. Antes os latidos que me fazem andar e viver cessassem sem aviso, deixando-me estendido na cama numa paragem repentina durante o sono (o sono dos anjos, chamam-lhe). Antes fosse tudo inércia, o coração, o pensamento, a vida. Antes viesse a apoptose das células que compõem este coração que bate sem eu querer, e o fizesse não bater mais, mas o meu coração não é feito de células nem tecidos nem de qualquer outra matéria orgânica ou biológica que comumente compõe os corações dos demais, e o seu bater é indiferente às minhas vontades e desvantades (porque não quero eu que bata o meu coração?), tem vida própria e eu tenho qualquer coisa a que não sou capaz de dar nome (responde à minha súplica: que tenho eu no meu peito?). O meu coração bate, mas eu não sei o motivo por que bate; no meu peito bate qualquer coisa que não sei bem do que é feito, talvez de mim e dos outros, talvez de nada, quiçá de sonhos e emoções que já partiram para não mais voltar, quem sabe é feito de uma coisa qualquer. Não sei de que é feito o meu coração nem o que o faz bater. Sei que existe e bate realmente, sei que o meu peito não está vazio, apesar de nele sentir ocasionalmente frios e tremores que me apontam na direção de uma ausência que sei que está presente.

Pasmado, bato-me (o meu coração também bate), perplexo, perante a confusão da existência, a minha e a dos outros, existências que deveriam ser paralelas e que, na verdade, são perpendiculares e oblíquas, cruzamentos constantes e inesperados que nos prendem indelevelmente uns aos outros, eu e os outros somos vários comungadas numa única existência (há várias vidas dentro da Vida). O meu coração bate por eles e eu não queria que batesse por ninguém, não queria sequer que batesse por mim ou pelo mundo; mas, se tem que bater, que bata e não me incomode demasiado porque a mim não me importa nem a vida nem a morte, a minha existência não depende de biologias que fazem nascer e morrer, rejuvenescer ou envelhecer: a minha existência depende de sentidos que os meus olhos não veem e eu não consigo encontrar (penso que

estão além da linha do horizonte, mas creio que nunca a alcanço). Porém, os outros, e, estranhamente, eu sou parte desses outros que não conheço e tento infrutiferamente desamar, impõem-me a vida como se não houvesse outra possibilidade de existência além da vida, como podem ser os livros que uma vez lidos morrem momentaneamente e se preparam para iniciar novamente a história e viver de uma forma diferente, apesar de as palavras não mudarem. Sim, gostava de ser feito de livros e, talvez, seja realmente feito dessas folhas repletas de letras e palavras compostas e colocadas numa forma ordenada que lhes dão sentido. Também por isto gostaria que o meu coração fosse feito de livros: para terem um sentido, ou vários (sim, creio que o sentido da vida é a multiplicidade de sentidos), e pudesse encontrar em quem me lê novos caminhos para a existência. Sim, gostava de ser feito de livros, dessa matéria em que se escrevem histórias e poemas e sobre as quais se derramaram sorrisos e lágrimas, deixando manchas que não são nódoas no espírito (o que serão então? Talvez símbolos de vida). Sim, penso que o meu coração é feito de folhas que amarelecem e se gastam com o passar do tempo, porque também eu envelheço com o passar dos anos, porque também eu morro e renasço e fico diferente sem mudar a minha essência (eu sou sempre eu, apenas mudam as minhas circunstâncias, como diz o filósofo). Talvez então sejam os livros o meu coração, e o meu espírito sejam as palavras que não mudam e se transformam. Talvez eu, por delírio ou encanto, me transforme juntamente com as palavras que me formam e me movem, por ser o reflexo dessas palavras e de todos os livros que li (quantos livros terei lido?) e em mim deixaram o rasgão do papel na pele, evidenciando as entranhas e os poros que absorvem os sentimentos e as ideias que contêm e transmitem (gosto destas cicatrizes). Sim, gosto deste pensamento que agora tive e creio que seja verdade, crença sem empirismo ou evidência, crença que creio ser real por ser apenas desejo que tenho (quicá não seja desejo, talvez seja capricho). Não, não pode ser capricho, porque se fosse capricho este pensamento não teria fundamento. Fiquemos pelo desejo, não, melhor ficarmos pelo sonho (uma constante da vida tão concreta e definida como outra coisa qualquer, como diz o poeta). Sim, este pensamento traduz um sonho, assim sei que é real e que ninguém ousará dizer o contrário porque os sonhos vão além da esperança, não são os últimos a morrer, simplesmente não morrem.

Mas eu não sou um sonho e morrerei, morrerei como todos os outros homens e mulheres tão mundanos e banais como eu fui e sou. Cumprir-se-á o meu

anseio de nada bater no meu peito, de haver uma ausência a preencher uma ausência maior e mais antiga (senti-la-ei ainda presente?), ainda que a ausência mais recente seja apenas falta de vida e não uma ausência física, porque há algo que lá está ainda que não saiba exatamente o quê nem de que é feito. Penso nisto que acabei de dizer, é um pensamento bonito a preparação da morte, a finitude da vida após a finitude do tempo (não posso pensar nisto porque é um erro, o tempo não tem fim, eu é que tenho fim e o tempo continua a correr da mesma forma, como se fosse indiferente à minha ausência) e tento escrever essas palavras antes que delas me esqueça. Distraio-me por outro pensamento, tive esta estranha ideia de o meu peito não ser feito de nada e ter que ser eu a fazê-lo, como um homem absolutamente livre capaz de decidir como quer colocar o seu coração a bater, liberdade limitada porque não pode simplesmente escolher que o seu coração não bata.

Concentro-me. Tento escrever esta ideia, mas já não recordo com exatidão as palavras que pensei (em que é que foi que pensei?) e caio novamente no silêncio que me distrai. Tento recordar o pensamento que interrompi, um evocar de palavras que agora não lembro, escrevo qualquer coisa no papel (bonito, assemelha-se a um poema). Escrevo este novo pensamento: o meu coração é feito das minhas palavras, dos poemas que escrevi sem querer, dos pensamentos que tive e esqueci (escrevo este pensamento para não mais me esquecer). Sim, gosto deste sonho (digo sonho porque o torna real) de construir o meu coração em torno de palavras que de mim emergem (este pensamento dá força ao meu sonho), algum dia escreverei livros com as minhas palavras (penso, já escrevi alguns, estou inteiramente neles, mas são eles que me formam e fazem e completam).

Agora sei do que sou feito: sou feito do que construí; agora sei de que é feito o meu coração: o meu coração é feito daquilo que há em mim. E assim eu digo-vos, peço, imploro: podem colocar aqui qualquer outro verbo de significado similar e que acrescente a esta súplica que vos dirijo; quando eu morrer abram o meu coração como se fosse um livro e leiam-no como se fosse o vosso livro de cabeceira. E depois digam-me o que encontraram que, mesmo num corpo frio e apodrecido, creio, porque o sonho também, que ouvirei o que me disserem. Não tenho a certeza do que encontrarão, mas penso que lá deixei palavras e versos, histórias e pensamentos, sorrisos e lamentos, sonhos seguramente (sou feito de tudo isto); penso que lá deixei tanto quanto tinha e podia deixar e o que não deixei não era importante, porque não era verdadeiramente parte de mim.

Daquilo que lerem e compreenderem, saibam que fui eu, que sou, que ainda ali estou num coração que bateu outrora e que, agora, é a inércia muda da vida. Aí, de peito aberto para o mundo, de coração em montra para quem quiser ler, saibam que ainda vivo enquanto os meus escritos não se perderem, enquanto houver alguma letra legível num papel amarelado pelo tempo (sim, o tempo que passa e não acaba, foi tempo que me faltou para ser mais qualquer coisa!, não porque o tempo tenha parado, mas porque eu parei no tempo) o meu coração não parou totalmente e ainda bate, muito devagar, lentamente, rumo à paragem completa e perpétua, rumo à finitude prometida, porque também eu sou feito do que são feitos os livros que escrevi.



[2º LUGAR]

CORAÇÃO VARIEGADO*José Carlos Rodrigues de Almeida Lopes*

O Sol parece beijar-lhe o peito, desenhando um personagem numa tela de cores mágicas que a saudade emoldura. Naquele dia de outono, o primeiro sem a ter presente, agarrou a folha que caía paulatinamente do centenário carvalho e deixou-se transportar pelo vento, de olhos fechados e coração aberto, deambulando o olhar e o pensamento pelo longínquo horizonte.

Lembrou-se dela com enlevo e, sem a poder ter ali, suspirou longamente a sussurrar:

– Não estás, mas sinto-te. Percebo agora a saudade. Ensinaste-me a entender de que é feito o meu coração!

Ao sentir os primeiros frios, despertou o desejo louco do conforto dos seus braços, reinventou-a, transportada pelos ténues raios de luz deste fim de tarde que, carinhosamente, estendem a mão à noite.

Como se caminhasse mais uma vez a seu lado, percorreu a Rota das Faias e os trilhos entre Pinheiros de Oregon, onde a mãe natureza colocou tapetes macios e belos, pintados de tons inimagináveis, que só a pele dela iguala e os seus olhos superam.

Insiste, num longo murmúrio:

– Como nas veredas que desbravámos juntos, também percorreste os locais mais recônditos do meu coração. É cá dentro que permaneces e fazes transbordar a mágoa desta privação...

A recordação do seu sorriso substitui o sol que parte, lentamente, cada vez mais cedo e tranquilo, acenando um até breve.

Ao longe, parecendo vir das entranhas do destino, o vento segreda, misteriosamente, o nome, lembrando-lhe o momento de um beijo, testemunhado pelo inebriante canto da estrelinha-de-cabeça-listada, com a sua elegante plumagem esverdeada.

As folhas dos carvalhos e azereiros continuam perdidas num rodópio desordenado e sôfrego. Cresce o desejo de deixar ardentes beijos em cada uma delas, para que o sopro do vento os faça planar, até pousarem, docemente, nos lábios de quem não estando, teima em estar.

O coração faz-se e refaz-se com bétulas despidas, com os ramos vazios, como se fossem dedos aveludados, percorrendo, languidamente, os escaninhos dos seus corpos sedentos.

Aperta ainda mais o casaco e sente-a encostada ao coração, ao seu coração. Por todo o povoado acendem-se as primeiras luzes, iluminando doces recordações que ficaram, indeléveis, na sua memória.

Como nos dias em que por ali caminharam, irradiando amor, o repique dos sinos já chama para as Trindades. Na sua ausência, na dor que chega com o entardecer, persiste, em surdina:

– Ensinaste-me que o coração também é feito da ingenuidade e da ignorância dos poetas! Contigo aprendi que só faz sentido escrever versos de amor, depois de sofrer com a ausência e dissecar a saudade.

Parece ouvir palavras que vêm da penumbra, imaginando ser a resposta:

– Pobres poetas! O que seria da poesia se não bebesse de um amor como o nosso? Como pode alguém, que não tu, saber de que é feito o coração, se nunca sentiu este amor feito ausência?

No regresso a casa, as folhas envolvem, beijam, acariciam, murmuram e a saudade não consegue deixar de voar, loucamente, agarrada a cada uma delas.

Deslizando misteriosamente do alto da serra, é o vento que agora parece sussurrar a palavra amor. O sol dorme um sono leve, ganhando forças para regressar e voltar a brilhar por entre as árvores que, sensualmente, continuam a despir-se só para eles.

Percorre os labirintos da solidão e julga ouvir, de novo, a pergunta:

– De que é feito o teu coração?

Responde, sem saber a quem, apenas com o silêncio do olhar:

– O meu coração é feito do sussurro do vento, do sono leve do sol, da sensualidade das árvores nuas e dos tons de outono, num mesclado de amor, paixão e saudade.

Cai a noite nas faldas da serra. A pergunta, pairando uma e outra vez, ressoa e gravita.

Procura-a no lar vazio, com o olhar vago e distante, sabendo que jamais a conseguirá alcançar. Cerra lentamente os olhos, que tantas vezes testemunharam com sofreguidão a fusão dos seus corpos e espera por ela, sabendo que jamais chegará.

[3º LUGAR]

DE QUE É FEITO O MEU CORAÇÃO*João Alberto Roque*

De que é feito o meu coração?

Essa é uma pergunta difícil.

Podia começar pelas opiniões de quem já interagiu comigo e que poderá, por isso, ser um observador privilegiado, mas já me disseram tanta coisa diferente sobre o meu coração que a resposta não é óbvia.

Para começar, é relevante deixar claro que, na opinião dos que, em algum momento, fizeram parte da minha vida, é certo que tenho um – não sou uma daquelas pessoas sobre quem se pode dizer que não têm coração. A mim, nunca alguém me disse tal coisa, nem mesmo os que mal me conhecem. E a verdade é que todos conhecemos pessoas que, no lugar de coração, têm uma simples bomba para fazer circular o sangue, algo puramente mecânico. Já me disseram que tenho um coração de manteiga... cheguei a acreditar. Na presença de uma mulher bonita, por fora e por dentro, ele acelera e fica mais quente... quase derrete. Perde a forma e eu fico sem saber bem o que fazer ou dizer. Posso dizer que é algo que me parece inexplicável de outra forma. Mas o meu coração parece que se derrete todo, sobretudo perante uma situação dramática, inesperada e em que sinto que posso fazer alguma diferença. No entanto, noto algumas falhas nessa hipótese: em tais situações, não me poupo a esforços e o meu coração mostra uma surpreendente resistência ao enfrentar as dificuldades, incompatível com tal composição. Nota mental – riscar a manteiga da lista.

Já também me disseram que tenho um coração de ferro, pois mostrei alguma dureza em situações em que esperavam de mim uma brandura que não consegui manifestar, até porque percebi que queriam usar-me, para fins inconfessáveis. De ferro não é certamente. Poderia explicar a dureza, nessas circunstâncias, mas o ferro, em muitos casos, revela-se pouco flexível e acho que o meu coração, ao contrário do ferro, nem sempre é duro. Raramente o é, aliás. Além disso, vivo perto do mar e nestas condições o ferro oxida com demasiada facilidade. Acho que com a idade que tenho já teria os mecanismos todos encravados devido à ferrugem... Mais um a riscar da lista.

Mais ou menos pela mesma lógica (e porque me sabem homem das ciências com muito gosto pela geologia) já alguém brincou que tenho um coração de pedra. Nem vale a pena perder tempo a pensar em mais argumentos, além da falta de flexibilidade a temperaturas compatíveis com a vida.

Mais uma composição a excluir.

Também me afiançaram que eu tenho um coração de ouro. Penso que algumas das pessoas que mo disseram fossem um pouco interesseiras, mas se fosse verdade, certamente haveria mais gente a tentar roubar-me o coração, e tal coisa nunca foi muito evidente. Acresce que o ouro tem uma densidade muito grande, mais exatamente 19 (bastante mais do que os 14 do chumbo) e eu geralmente ando de coração leve e quando o sinto pesado não é certamente do ouro, mas sim dos muitos problemas que o enchem momentaneamente. Depois pensei numa enorme quantidade de substâncias diferentes, mas, por uma razão ou por outra, eram facilmente excluídos. Não vale a pena estar a maçar o leitor com uma lista exaustiva e os argumentos para os excluir. Faço só uma exceção a esta regra: a minha costela de escritor levou-me, obviamente, a pensar no papel, mas era impossível que essa fosse a composição do meu coração, pois o papel e a água não se dão nada bem e eu reconheço que tenho a lágrima fácil quando algo ou alguém me toca o coração. Claro que podia plagiar Saramago, mas o meu coração não é tão dado a sangrar. E seria uma resposta demasiado pobre dizer que é de carne, ou até de músculo cardíaco. Que o do porco ou da galinha são assim, isso posso afirmá-lo, posso prová-lo. Aliás, já provei várias vezes, quer um quer outro, e até gostei... mas ninguém em seu perfeito juízo reconhece que não há diferenças significativas entre o seu próprio coração e o de uma galinha ou até de um porco.

Como é humanamente impossível eu ver ou tocar o meu próprio coração, tenho que confiar na intuição e na lógica. Aqueles ou aquelas que já foram capazes de tocar o meu coração, quase unanimemente optam pela manteiga ou o ouro... e sobre isso estamos conversados.

A borracha pareceu-me uma boa opção, pela sua flexibilidade e capacidade de resistir aos golpes, às dificuldades. Mas teria de ser a vulcanizada... que a borracha virgem é demasiado afetada pela temperatura e nem sempre se comporta da modo a explicar a resistência do meu coração às dificuldades e as respostas a quente às pessoas que me irritam ou me destratam.

Borracha vulcanizada é, assim, a substância que parece reunir propriedades que melhor permitem explicar aquelas que são as características do meu cora-

ção. E teria que ser a borracha medianamente vulcanizada, que, quando muito vulcanizada, fica dura e quebradiça, como a da última boquilha de saxofone que deixei cair...

Perante o inesperado e dramático, mostra, ao mesmo tempo, uma enorme flexibilidade e resistência. Foi por isso que fizeram os pneus dos automóveis de borracha vulcanizada. Quem já andou em estradas cheias de buracos ou encontrou lombas inesperadas numa estrada com bom piso, a convidar à velocidade, é capaz de perceber a resistência da borracha dos pneus e a capacidade de acomodar assim as irregularidades do piso. E quem nunca passou por isso?

A borracha dos pneus deforma-se quando o peso é maior. Especialmente se está com baixa pressão no seu interior. Também o meu coração, em certas situações, aguenta mal o peso, sobretudo se anda um pouco mais vazio de carinho ou de autoestima.

Pode acontecer que, aos poucos, se vá perdendo a pressão e seja necessária a ajuda de alguém para repor os valores normais, adequados à estrada da vida, com os seus buracos, as suas lombas, os seus empedrados. Aí, mais do que uma vez, tive a ajuda dos que me rodeavam. Afinal para que servem a família e os amigos, se não andarem atentos a essas questões? Também eu faço por acompanhar a família e os amigos com quem convivo habitualmente, sobretudo os mais jovens e com mais tendência a precisarem de atenção e assistência.

Quem não conhece pessoas tão cheias de si próprias que, perante as adversidades do caminho ou no contacto com os outros, se mostram pouco flexíveis e excessivamente duras? Isso, inevitavelmente, acaba por provocar excesso de ruído e, eventualmente, danos estruturais. No caso do meu coração isso não costuma acontecer, mas quando me encham demais com exigências, com obrigações e, sobretudo, com injustiças, também eu sei que fica demasiado duro e reage mal nessas circunstâncias. Depois dizem que tenho um coração de ferro... mas estão redondamente enganados. Vê-se que nunca andaram numa bicicleta de estrada, com pneus finos e uma enorme pressão, num piso empedrado. Acreditem que se torna muito desagradável!

Em certas ocasiões, podemos ter um problema complicado, seja físico, seja emocional, que nos deixa incapazes, impróprios para prosseguir e lá temos que chamar a “assistência em viagem”.

Na maioria dos casos, com a ajuda certa, a situação resolve-se, com maior ou menor dificuldade. Felizmente, a ajuda profissional geralmente consegue ma-

ravilhas com recursos a que nem todos têm acesso. Um furo é sempre aborrecido, mas, frequentemente, tem solução fácil. Mesmo que não ocorram situações excepcionais, a borracha dos pneus também se vai desgastando, ficando careca, nas lonas. Também o meu coração já está longe de ter a eficiência da juventude, e não me refiro obviamente apenas ao lado físico. Por vezes, pode ser necessário trocar o pneu. Por enquanto, essa questão não se coloca. Não sei se encontraria um outro compatível. De qualquer modo, este pneu já rolou muito, mas ainda vai dando conta das encomendas. Está visto que a genética não era das piores. A peça com que a natureza me dotou mostrou, até ao momento, boa aderência nas curvas e boa resistência nas enormes exigências que, até hoje, lhe fui colocando.

Já me aconteceu uma vez destruir um pneu, quase novo, de um carro, e teve que ser trocado. O rasgão era tão grande que ficou irrecuperável. Erros meus, má fortuna, amor ardente... diria Camões, cheio de razão. Espero tratar melhor o coração.

Um dia que ele pare – e tal vai acontecer mais tarde ou mais cedo, é das poucas certezas que podemos ter na vida – sobretudo se se der o caso de o médico declarar que foi por falência do órgão, agradeço que me façam uma autópsia – sintam-se desde já autorizados – e confirmem, por favor, se a minha intuição está correta. Provavelmente não, até porque é fácil cometer erros de julgamento em causa própria e as evidências são todas indiretas. Mesmo que esteja correto, não valerá a pena tentar fazer a recauchutagem. É que nem sequer coloquem essa hipótese.

